



# Projeto Poranduba

**Objetivos** — O projeto Poranduba, desenvolvido pelo grupo RODA DE HISTÓRIAS

INDÍGENAS, tem como missão resgatar e divulgar histórias nativas representativas do imaginário brasileiro, que possibilitem ressignificar nossas origens e identidade enquanto povo. Nossa experiência aprofundada com a cultura indígena nos oferece um vasto leque de temas como, por exemplo, meio ambiente, memória coletiva, convivência em comunidade, relação com o sagrado, dentre outros.

O projeto tem duração programada de um ano. Serão gravados quatro CDs, que serão distribuídos gratuitamente como material didático e de divulgação desses povos, parte fundamental do patrimônio cultural brasileiro, através de oficinas. Os mais de dez anos de trabalho, primeiramente junto ao grupo BIOMBO DE HISTÓRIAS, possibilitaram-nos reunir um acervo informal, que será disponibilizado ao público através das seguintes ações:

**1.** Gravação de uma coleção de quatro CDs, cada um contendo narrativas de diferentes

etnias e trilha sonora. Os CDs vêm acompanhados de libreto contendo verbetes sobre cada etnia, bibliografia adicional e metodologia das oficinas. A coleção perfazerá os seguintes temas:

- **Plantas e animais**
- **Criação e amor**
- **Metamorfose e magia**
- **Fogo, água, céu e terra**

**2.** Os CDs serão trabalhados através de oficinas-piloto. Nossa proposta de trabalho conjunto com

as instituições visa desenvolver, através da linguagem poética e simbólica das histórias indígenas, o imaginário dos participantes em processos criativos que tenham profundidade e força para gerar potência expressiva e reflexiva e integrem razão e emoção, utilizando mitos como ferramenta para trabalhar identidade, memória, alteridade, mistério e brasilidade.

## Justificativa — Considerando-se a carência de material didático na área de arte-educação

que contemple as culturas nativas e seu potencial artístico, será produzida uma coleção de quatro CDs e respectivo libreto. Essas histórias condensam, por um lado, o valor simbólico próprio dos seus conteúdos e, de outro, valorizam a forma lúdico-pedagógica através da qual essa simbologia é transmitida. Estes CDs serão complementados por oficinas oferecidas a educadores, visando a formação de agentes multiplicadores. Através das histórias, pretendemos suscitar os seguintes pontos básicos:

### 1. Alteridade: estabelecendo a ponte que liga o índio à cultura não-indígena e o não-indígena à

cultura do índio “Os índios não podem, sozinhos, conceber a contribuição que podem dar a uma questão planetária. Cabe a nós, “índios”, reconectados com eles e nos sentindo parte do planeta, fazer a ponte entre a milenar sabedoria indígena e a tecnologia de ponta mundial.” (Gambini, Roberto in Outros 500: Uma conversa sobre a alma brasileira, Editora SENAC, São Paulo, 1999)

Somos levados a nos ver como iguais aos que estavam aqui desde sempre. A eles ocorreu o mesmo que ocorreu com todos nós. Há séculos, buscamos ideais e valores de outras culturas e ignoramos a milenar sabedoria indígena que, desde o começo, foi vista como desprezível, menor, equivocada. Para que possamos despertar como povo brasileiro, precisamos estabelecer contato com a cultura indígena. Para isso, no entanto, é preciso romper com um olhar ora marcado pelo romantismo e idealização, ora pela desvalorização e buscar o diálogo e o encontro com os povos indígenas, concebendo-os como sujeitos históricos e sociais, companheiros de existência, com quem temos muito o que trocar e aprender. É preciso superar dicotomias ainda tão presentes no nosso pensar: singular e coletivo, natureza e cultura, conhecimento e sensibilidade, arte e vida.

### 2. Diversidade: entendendo que as culturas indígenas são muitas e específicas “Tupi, Guarani,

Tupinambá, Tapuia, Xavante, Kamayurá, Yanomami, Kadiweu, Txukarramãe, Kaingang, Krahô, Kaçapalo, Yawalapiti. São nomes que pulsam no chão dessa terra chamada Brasil, formando suas raízes, troncos, galhos e frutos. São raças? Nações? Etnias? São a memória viva do tempo em que o ser caminhava com a floresta, os rios, as estrelas e as montanhas no coração e exercia o fluir de Si. (Jecupé, Kaka Werá in A terra dos mil povos, São Paulo, Peirópolis, 1998)

De acordo com censo publicado pelo CEDI/Instituto Socioambiental em novembro de 1994, são 206 os povos indígenas do Brasil contemporâneo, formando 180 grupos étnicos. Essas etnias falam cerca de 300 línguas, divididas em cinco famílias lingüísticas, além de 35 outras línguas, que não se encaixam

nessa classificação. Cada língua é mais do que uma forma de comunicação: é uma forma de ver o mundo. Pretendemos, ao compilar e narrar histórias de diferentes etnias, mostrar a riqueza e a diversidade dos valores contidos na tradição indígena.

### 3. Diálogo cultural: a troca e o respeito às diferenças culturais como fundamental à sobrevivência

dos povos. “Nós, brasileiros, com tantas diferenças, temos em comum o mesmo solo, o mesmo ar, os mesmos ideais e os mesmos desejos”. (Gambini, Roberto in *Outros 500: Uma conversa sobre a alma brasileira*, Editora SENAC, São Paulo, 1999). Nas oficinas ministradas, observamos com frequência participantes que possuem uma ascendência mais direta com os povos indígenas, por exemplo, um avô índio, e que vão aos poucos mudando o olhar, passando de um sentimento de negação e vergonha para uma percepção de valor e de ressignificação da sua identidade. Além disso, os educadores começam a refletir sobre a realidade em sala de aula, que sempre traz uma diversidade muitas vezes negada e também desvalorizada. Nossas crianças trazem histórias e bagagens diferentes que precisam ser acolhidas e valorizadas. É nessa mistura de cores, tons e sotaques que reside a riqueza e é na troca de experiências que se constrói uma educação humana, ética, solidária. É impossível falar em ética sem falar em diálogo, em contato com a diferença, no aprendizado com o outro, que é diferente de mim. Segundo o relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, os quatro pilares da educação contemporânea são: aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. Estes pilares constituem aprendizagens indispensáveis e devem ser incorporados pela política educacional de todos os países. Mas, se hoje precisamos lembrar da importância deles na educação é porque dissociamos razão e emoção, indivíduo e coletivo, conhecimento e vida. Sem dúvida, os quatro pilares são um grande desafio para todos nós. Para lidar com ele, precisamos abrir mão da pré-potência e reconhecer nossa necessidade de ajuda. Se, de acordo com o autor Roberto Gambini, a verdadeira identidade é aquela que consegue escapar da dualidade e chegar a um terceiro elemento, precisamos convidar os povos indígenas para que, juntos, mesclando nossos fios e cores, façamos a verdadeira alma brasileira.

Objetivamente convidaremos narradores indígenas a celebrar e reverenciar as inúmeras línguas e sonoridades que habitam este país para que primeiro, muitos ouvintes possam se aproximar e usufruir deste universo simbólico surpreendentemente ainda resistente aos séculos de dominação colonialista e segundo, para que o diálogo entre culturas possa significar um verdadeiro enriquecimento para todos.

### 4. Relação homem-natureza: entendendo a natureza como parte intrínseca do homem “Os índios

sabem muito bem como manejar a floresta e as águas. Eles sabem, mas alguém foi lhes perguntar alguma coisa?” (Gambini, Roberto in *Outros 500: Uma conversa sobre a alma brasileira*, Editora SENAC, São Paulo, 1999). Os povos da floresta, que dominam a arte de viver em tribo, sabem que a floresta é mais do que o lugar onde vivem - é o espaço sagrado onde, através dos seus rituais cotidianos ou

periódicos, reafirmam permanentemente a sua ligação com a Mãe-Terra, o Pai-Sol, os elementos, as estrelas, o Todo de que se sabem e sentem partes inseparáveis. Da floresta tiram muito mais do que o alimento para o corpo - retiram também o nutriente para a alma, na forma dessa simbiose mágica que dá sentido às suas vidas. Quando atingidos por doenças do corpo, eles buscam na floresta as ervas e raízes com poder de cura. Quando afetados por doenças da alma, é também na floresta que procuram o equilíbrio e a harmonia interiores.

E os não-índigenas? As crianças que vivem nos centros urbanos têm poucas experiências de primeira mão com a natureza. Não convivem com animais, muito menos com animais livres, não pisam no chão batido, não conhecem cheiro de mato, não contam estrelas, não sobem em árvores ou montanhas, não escutam o silêncio. Estão cercadas de medo, de botões e de matéria plástica. Por outro lado, crianças que vivem em áreas rurais e convivem intimamente com a natureza, inclusive às vezes as próprias crianças indígenas, precisam ter essa sabedoria reafirmada e revalorizada.

Como levar a natureza às crianças, abordar a educação ambiental, discutir alternativas de utilização dos recursos naturais, além de promover a auto-estima e confirmar valores? Recorrendo ao manancial de sabedoria indígena à nossa disposição. Contudo, viramos as costas a ele. Precisamos resgatar esse saber para a saúde física e psíquica de todos nós, do país, do planeta, em prol da vida.

## 5. Relação com o sobrenatural: mergulhando no lado escuro da alma. “Os índios convivem com

imagens bizarras e nunca tiveram medo de vida) quanto em sua dimensão afetiva (os afetos, os desejos e as defesas dessas representações. Estão na religião, na arte, na música... A parte branca e racional da sociedade brasileira tem medo das suas imagens inconscientes. As imagens ficam na periferia da brasilidade oficial. No entanto, são elas que nos ajudam a ver quem de fato somos. (Gambini, Roberto in Outros 500: Uma conversa sobre a alma brasileira, Editora SENAC, São Paulo, 1999). As sociedades indígenas não costumam separar sagrado e profano, sobrenatural e natural. No imaginário indígena, gente é bicho, bicho é gente, tudo é ou pode ser, numa circularidade inimaginável às mentes mais racionais e cartesianas.

De acordo com Laurent Lapierre, (Imaginário e Liderança, São Paulo, Atlas, 1995), “...imaginário é um universo fantasmático, em parte inconsciente, subjacente ao pensamento e à ação de um sujeito e que estrutura tanto sua relação com seu mundo interior quanto com o mundo exterior. A palavra imaginário aqui utilizada remete ao processo e ao produto da imaginação, tanto em sua dimensão cognitiva (as idéias, os pensamentos e as concepções psicológicas), permanecendo as duas dimensões indissociavelmente ligadas”.

Diferentemente do índio, o não-indígena é incentivado à não percepção, à desvalorização e à falta de comunicação consciente das emoções. Ficam assim comprometidas a criatividade e a harmonia individual e coletiva.

É importante estimular a criança, desde cedo, a conviver com a diversidade de idéias, sensações e visões de mundo para que tenha mais habilidade para enfrentar conflitos e resolver problemas. A naturalidade do imaginário indígena quando trata de temas como biologia, amor, corpo, fantasia,

imaginação, emoção e morte, tão bem manifesta nas suas narrativas, poderia ser um exemplo às escolas, incentivando a criança a lidar com seus desejos, medos, idéias e criatividade de maneira lúdica e engraçada.

## 6. Resgate e preservação do patrimônio cultural imaterial: cultivando e cultuando a cultura e a

criatividade. “Tirando deste acervo [indígena] as lições que pode dar, este contribui para que os modos de fazer e a sensibilidade que trazem implícitos voltem a circular nos canais de nossa cultura como estímulo à criatividade de todos os brasileiros”. (Ribeiro, Berta , “A civilização da palha : a arte do trançado dos índios do Brasil ( Tese de doutorado, São Paulo : USP, 1980). Ainda citando a antropóloga Berta Ribeiro, os conteúdos das produções indígenas, quer se tratando do seu artesanato ou da sua literatura, “transcendem o utilitário e expressam um sentimento estético da mesma natureza das obras de arte das sociedades consideradas mais avançadas”.

As manifestações artísticas indígenas precisam ser resgatadas e preservadas como parte integrante da cultura brasileira por diversas razões: porque fazem parte da nossa matriz ancestral, porque exemplificam formas de vida em comunidade que precisam ser recuperadas, porque detêm um saber maestral da natureza, porque nos mostram que, apesar da diversidade, têm um profundo sentido de fraternidade e coletividade. Mas, sobretudo, precisamos resgatá-las porque fazem parte da nossa alma brasileira.

## 7. O mito como linguagem: escavando a nossa história “Sob toneladas de fantasia

repousam nossas origens...”(Dias, Lucy in Outros 500: Uma conversa sobre a alma brasileira, Editora SENAC, São Paulo, 1999). Mitos são histórias da busca da verdade, de sentido e de significação através do tempo. Todos nós precisamos contar a nossa história para podermos compreendê-la. Para que possamos contar a nossa história, precisamos sintetizar as histórias do outro, mitos das diversas culturas que compõem o ser brasileiro, dentre elas, a indígena.

Para que possamos realmente integrar, assimilar, aceitar e crescer no contato com o outro, entender sua diversidade, estabelecer um diálogo cultural, recorreremos às histórias, aos mitos, a uma linguagem que contemple o sensível e o lúdico, o criativo e o imaginário para entrar em contato com um legado indígena que não podemos mais deixar silenciado se queremos realmente construir uma educação mais humana e solidária.